



Universidades Lusíada

Fonseca, Tília Rodrigues

Comentário à comunicação sobre o tema : a questão da inserção profissional dos insuficientes renais crónicos e a estratégia terapêutica

<http://hdl.handle.net/11067/3971>

Metadados

Data de Publicação	1995
Palavras Chave	Doentes crónicos - Emprego - Portugal - Lisboa, Doentes crónicos - Cuidado e tratamento - Portugal - Lisboa, Insuficiência renal crónica - Aspectos sociais
Tipo	article
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 11-12 (1995)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-25T17:39:21Z com informação proveniente do Repositório

COMENTÁRIO À COMUNICAÇÃO SOBRE O TEMA:

A QUESTÃO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS INSUFICIENTES RENAIIS CRÓNICOS E A ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA

*Pela Dr.ª Tília Fonseca **

Pelas razões que a presidente da mesa enunciou na introdução deste painel, a minha intervenção vai ser extremamente curta no tempo e limitada na apreciação. Aceitei o convite tendo presente estes limites e pelo facto de trabalhar com a investigadora no Instituto de Serviço Social e, portanto, como colega de trabalho agradeço a oportunidade que me deu e lamento, de facto, o meu fraco contributo.

Relativamente ao comentário, queria fazê-lo de uma forma, obviamente, breve, centrando-me exclusivamente no campo da pesquisa e no que os resultados podem indiciar da sociedade ou do Serviço Social na sua relação com a sociedade. Relativamente ao campo da pesquisa (e está aqui um motivo pelo qual eu felicito a M.ª Beatriz Couto) vêm-me à lembrança alguns autores quando tratam da definição do objecto de pesquisa. Quando Saussure diz que é o ponto de vista do investigador que cria o objecto ou quando Bordieu diz que o olhar do investigador torna significantes objectos que não se configuram de imediato como tal, a investigadora conseguiu, de facto, tornar um objecto empírico que, sob um olhar imediato, nós não tornaríamos significativo e conseguiu dar-lhe esse grau de significação que permite os resultados e o questionamento que nos trouxe.

A uma primeira acentuação que faz em termos da pesquisa e da qual parte, de alguma forma, como rampa de questionamento é o da construção profissional da doença que nos traz à lembrança a unidimensionalidade (para parafrasear Marcuse) da construção social da doença. Uma construção que é feita exclusivamente, ou quase exclusivamente, por um dos profissionais que interagem com o doente.

* Docente do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.

Uma segunda acentuação respeita à questão dos efeitos da doença relacionando, numa antinomia, a igualdade do acesso e a não equidade nos resultados no campo da doença. E isto numa abordagem histórica, numa abordagem diacrónica que faz o percurso evolutivo e, de alguma forma, a permanência nesse mesmo olhar, nessa mesma abordagem permite trazer os estudos que a realidade actual, a realidade científica portuguesa, nos possibilita e daí que cite os trabalhos de António Correia de Campos a que poderíamos juntar, também, os contributos de Maria do Rosário Giraldes nas questões da equidade no acesso aos serviços de saúde.

Acrescenta, neste nexo relacional, a gestão da doença crónica e uma gestão hegemónica por parte do corpo médico e, em alternativa, ou em exclusão, do ponto de vista do que é, e não do que devia ser, (é nesse plano que nos colocamos em termos de pesquisa) uma gestão do quotidiano da vida dos doentes.

Prosseguindo no percurso metodológico situamdo-nos agora na hipótese (hipótese essa que eu lembro que é a prevenção dos efeitos da doença no doente sendo este visto como uma pessoa inserida no meio social e, portanto, não exclusivamente uma pessoa inserida no campo profissional) a investigadora parte para a caracterização da inserção profissional do doente — (inserção profissional do doente que na sua breve apresentação não permitiu o questionamento que a leitura nos permitira fazer que é, não só a ocupação profissional como também a própria formação profissional — reinserção profissional na crítica da sua não modelagem à situação social dos indivíduos em estudo).

Ficaria por aqui relativamente a algumas das questões do campo da pesquisa. Em termos dos resultados que a pesquisa nos indicia aparece a posição hegemónica do trabalho e penso que é um questionamento, tanto em termos da abordagem do corpo profissional que interage com o doente, ou dos diferentes técnicos que interagem com o doente, como a situação que se repercute na inserção social do doente que acaba por limitar-se ao campo profissional. E aqui a questão que se me coloca é se esta posição hegemónica não é reveladora dos poderes da sociedade e se no fundo a pesquisa da Beatriz, pegando num objecto empírico do domínio da saúde, se a sua intenção não foi trazer-nos os diferentes poderes presentes neste domínio. E presentes de uma forma que bebem do que é dominante em termos de poderes da própria sociedade e a questão que eu lhe colocaria era se de alguma forma, do seu trabalho, nós não poderemos extrair, ainda que de forma emergente, ainda que de forma tímida, sobretudo por parte dos doentes, algo que nos faça abrir brecha nesta hegemonia do trabalho enquanto ideologia dominante da sociedade e dos poderes que se revelam como hegemónicos nesta mesma sociedade?